

Considerações sobre a teoria das funções¹

Danilo Gama Goulart², Aracaju

RESUMO: No presente trabalho, o autor busca investigar o desenvolvimento das funções que compõem o psiquismo. A partir de um paralelo entre as teorias das funções de Freud e Bion, busca examinar a função-alfa, como modelo abstrato para a compreensão da apreensão psíquica de estímulos sensoriais e experiências emocionais, como também demais funções originárias.

PALAVRAS-CHAVE: função; função-alfa; elementos-alfa; elementos beta; pensamento.

A razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas possibilidades.

(Kant, 2001)

1- Introdução

O presente trabalho tem como intenção explorar a maneira como as funções constituintes da atividade anímica se estabelecem ou desenvolvem (ou evoluem) no desdobrar da experiência de *ser*. A ideia inicial deste

1. Trabalho em continuidade.

2. Psicólogo CRP 19/2692, em formação psicanalítica pelo Instituto de Formação da SPRPE, Membro no Núcleo Psicanalítico de Aracaju.

escrito surgiu com o estímulo da “teoria das funções”, proposta por Wilfred Bion em 1962, apoiado na obra de Freud, mais especificamente, para trazer considerações sobre o que chamou de *função-alfa*.

A palavra “função”, do latim *functus*, verbo *fungor*; significa desempenhar, executar, também interpretar, falar do que se conhece. Em seu oposto, *defunctus* seria aquele que deixou de falar, de desempenhar ações. Ou seja, podemos pensar que “função” é um termo que se refere a um conjunto de propriedades que se relacionam e definem uma ação em produção.

A funcionalidade é necessariamente acompanhada de um propósito de ação, uma meta ou finalidade tal que permite a observação da existência e da qualidade da função. Por exemplo, a função de uma porta pode ser observada em sua meta: permitir e conter o trânsito entre recintos. Podemos observar a funcionalidade se a porta fecha e abre, se adequa ao espaço instalado, etc. A qualidade funcional em cada experiência do sujeito que solicita a porta, depende das características de seus componentes (matéria prima, *fatores*, propriedades) experiências anteriores, registros de memória. Outro exemplo que me ocorre seria o do filme “Titanic” que, ao final, após o naufrágio, o casal protagonista encontra uma porta no meio da água e se utilizam dela com uma meta relativamente distinta, como um “salva-vidas” para flutuar como uma canoa, uma estratégia de sobrevivência. No filme, a função é executada parcialmente, só um deles consegue salvar a própria vida. Mas, podemos observar que a função pode ser, como disse, só “relativamente distinta”, pois a porta mantém os caracteres de funcionalidade e meta, ou seja, o casal está entre dois espaços distintos (sob e sobre a água). A porta ainda mantém a função de conter ou permitir o trânsito, afinal a protagonista usa a porta para se manter num “recinto” mais protegido, bloqueando o contato com a água do recinto “sob”. A função e suas propriedades se mantêm, mas atuam entre o propósito e os limites da experiência específica da realidade.

O que aqui chamamos anteriormente de “propriedades” da função, é uma referência ao que Bion (1991) chamou de “*fator*”, o qual descreve como uma atividade mental que, trabalhando em conjunto com outras

atividades mentais, compõem uma função. A palavra “fator” é interessante, originada do latim *fator* (aquele que faz). Na matemática se refere a cada uma das quantidades ou expressões as quais, em interação, dão origem a um produto.

Já “*alfa*”, originalmente é o nome dado à primeira letra do alfabeto grego, refere-se à ideia de “princípio”, primeira coisa, da qual antes não há nada. No livro cristão do apocalipse (22:13) Jesus diz ser “o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.” Alfa, como dito, a primeira letra do alfabeto grego e ômega e a última.

Alfa foi um termo abandonado por Bion, evoluindo para a ideia de “trabalho onírico alfa” ou sonho alfa, também descartado, dando origem a função-alfa.

Bion escolheu nomear a função-alfa, como dito, uma ideia que não há precedente, que ainda não há significado ou conhecimento prévio acerca. É a manutenção de uma incógnita:

Chamo essa função de uma função-alfa, de modo que posso falar sobre ela sem ficar limitado, como ficaria se utilizasse um termo com mais significado, em virtude da penumbra de associações já existente. [...] O termo função-alfa é intencionalmente desprovido de significado. Antes de indicar a área de investigação na qual eu me proponho a empregá-lo, devo discutir um dos problemas incidentais a essa investigação. Uma vez que o objetivo desse termo sem significado é fornecer à investigação psicanalítica uma contraparte das variáveis dos matemáticos, uma incógnita à qual pode ser atribuído um valor quando seu uso ajudou a determinar qual é esse valor, é importante que o termo não seja usado prematuramente para veicular significados, pois esses significados podem ser precisamente aqueles que é essencial excluir.

Bion, 2021

2- Teoria das funções

Antes de prosseguir, é necessário considerar a importância de investigar o desenvolvimento de uma ideia no desenrolar da história. Lembro como Freud utilizou e descreveu, em diversos momentos de sua obra, teorias sobre o psiquismo, sexualidade e o que mais habitar a existência do humano. Podemos destacar também a expressiva influência de suas ideias na cultura e na sociedade, na medicina, na psicologia, na filosofia, na arte. Neste caso, devemos nos direcionar ao que é de interesse neste momento, a necessidade de abstração, de compreensão sobre o que não é diretamente observável. A investigação da atividade psíquica e as manifestações inconscientes.

O jovem Freud (1888), ao investigar os sintomas de pacientes histéricos, descreveu como algumas paralisias motoras “...encontradas na histeria, não podem ser relacionadas a partes do corpo, mas apenas a funções...”, atestando a existência de “...uma separação das funções dos mesmos músculos não encontrada nas lesões orgânicas.”

Parece demonstrar que, como os sintomas não possuíam participação de lesões orgânicas, a “função” era o correspondente passível de ser investigado ao buscar sua relação psíquica. Como as abstrações, fantasias, sonhos, pensamentos possuíam funções particulares e exerceriam notável influência sobre a vida, os componentes da sexualidade e a forma em que é experienciada, sua significação mental, ou seja, a apreensão psíquica dos fenômenos experienciais seria determinante no desenvolvimento da vida, acrescido da compreensão da funcionalidade das atitudes ou comportamentos (também) não observáveis (de maneira puramente sensorial), em que a coisa-em-si, nunca é “conhecida”.

Freud deu ênfase à sexualidade como característica predominante em observação, na participação desta na vida psíquica do ser humano e as funções que dela se destacam. A essência da função de perpetuar a espécie e manter o fenômeno da vida, como também funções subsidiárias e fomentadoras voltadas mais diretamente à economia de energia, satisfação pulsional, à capacidade de pensar e fazer cultura, à etiologia do desejo e dos sintomas.

Tem-se de admitir que as condições *funcionalmente* relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função.

Freud, 1888

Na “Interpretação dos sonhos”, além de desenvolver um modelo da estrutura psíquico-sensorial, Freud (1900) descreveu uma complexa rede de funções que a compõe e considera a atividade onírica também como uma função do psiquismo. Essa consideração permite desenvolver a base de todo o método psicanalítico. Ou seja, perceber a existência de uma função permite surgir uma possibilidade, uma direção para a investigação do mecanismo antes ofuscado pela intensidade da soberania das funções sensoriais e a nossa incapacidade de considerar a participação de fenômenos não observáveis organicamente, talvez permanentemente desconhecidos.

Freud (1911) detalha, de maneira elaborada, o percurso da constituição de certas funções anteriormente investigadas na interpretação dos sonhos, também no “Projeto” de 1895, como *atenção e memória*, atreladas à *consciência* e apresenta os princípios que “regem” essas funções.

O que chamamos de *consciência*, foi compreendida por Freud (1900) como “...um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas...”, e em 1911, expõe o desenvolvimento dessa capacidade de apreensão em consonância ao estabelecimento do princípio de realidade, quando complexas adaptações foram requisitadas para maior significação da realidade externa, que supomos, ocorram como uma maneira de melhor “instrumentalizar” o ser com o intuito da sobrevivência.

Ocorre-me uma associação, parece um pouco pobre, mas talvez útil nesse momento. Penso em automóveis, sinteticamente a função de um carro é auxiliar no deslocamento, no ato de transportar. Mas, apesar de etimologicamente significar aproximadamente a ideia de um objeto que é responsável pela própria locomoção, precisa de um condutor.

Conseqüentemente, a funcionalidade do carro, a maneira como se locomove, sofre uma alteração. Em outras palavras, entendendo a função, podemos investigar as invariáveis que a compõe e as variáveis compostas pela singularidade do condutor e a forma de exercer a trajetória.

Como dito anteriormente, as funções se desenvolvem como instrumentos adaptativos do ser humano quando colocado frente às peculiaridades de sua existência, para lidar tanto com estímulos da realidade externa, como com os estímulos oriundos do interior do organismo.

À proporção que [aumenta] a complexidade interior [do organismo], o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático - os estímulos endógenos - que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo. (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.) Para efetuar essa ação (que merece ser qualificada de “específica”), requer-se um esforço que seja independente da Q endógena e, em geral, maior, já que o indivíduo se acha sujeito a condições que podem ser descritas como as *exigências da vida*.

Freud, 1895

À *atenção*, Freud (1911) atribuiu a função dos exames periódicos e, concomitantemente, os resultados dos exames acompanham o desenvolvimento de um sistema de “*registro*”, uma função ampliada, de “guardar os resultados dessa atividade periódica da consciência, uma parte do que chamamos *memória*.”

Bion (1962) utilizou as ideias de Freud extraindo aspectos que considerou integrantes na investigação da função-alfa. Elencou esses aspectos citados anteriormente: os exames periódicos, o sistema de registro e armazenamento, e prioritariamente a ideia de “*apreensão*” exposta pela citação

de Freud sobre a consciência.

Abro um espaço para considerar as diferentes traduções, no texto original, Bion cita um trecho de Freud (1911) assim “...*the latter now learned to comprehend*”, “agora o último aprendeu a compreender”¹, destacando a função de compreensão, “*Of immediate concern is the function of comprehension itself*”, “o interesse atual é sobre a função da compreensão em si mesma”². Citação extraída de Freud, do Fundamentos sobre os dois princípios do funcionamento mental, mas na tradução em português, diz “começou a apreender” (companhia das letras vol. 10). Também na Companhia das letras, no texto “Interpretação dos sonhos” está traduzido como “apreender”.

Acredito ser interessante o destaque, pois a palavra “*apreender*” significa “tomar posse, absorver, captar” e *compreender* quer dizer “conter em si, abranger, envolver”, embora também encontradas como sinônimos em Michaelis. Pela constituição de cada termo, imagino que existam duas funções, ou ao menos duas etapas. Uma de apreensão, inicial, de captação e uso imediato como experiência sensorial (*seize*). E “compreensão” que seria uma segunda etapa de significação e construção de memória. Infelizmente, como não conheço o original em alemão e neste momento não pretendo me aprofundar na lexicografia e semântica, vamos considerá-las sinônimos, e deixo o desenvolvimento desta ideia para um possível outro capítulo, talvez.

3- Função alfa

Segundo Bion (1962), a função-alfa é uma abstração de uma função mental requisitada pelo princípio de realidade, age para que as exigências dos estímulos (impressões sensoriais e experiências emocionais) possam ser elaboradas para a produção de elementos-alfa, os quais podem ser armazenados e utilizados na composição de pensamentos oníricos e

1. Tradução livre do autor.

2. Tradução livre do autor.

conscientes.

Esse termo surge para designar um modelo construído a partir da e para a observação de fenômenos experienciados na clínica, mas também parece se referir à primeira função e à origem do psiquismo.

Como uma aproximação entre a biologia e a filosofia de Kant, Bion elabora esse modelo de observação acerca da capacidade de “dessensorializar” a experiência sensorial. Segundo Kant, a coisa-em-si não pode ser conhecida, só podemos nos aproximar do fenômeno experiencial em suas emanações, pela captação da sensorialidade vinculada à alguma consciência dos estímulos. Ou seja, como observar a funcionalidade da função alfa.

Em contraste, elementos-beta, é como Bion (1962) nomeou as impressões sensoriais e emoções conscientes não afetadas pela função-alfa, não transformadas em material para sonhar. Estes podem ser armazenados, mas diferem dos elementos-alfa, ou seja, no lugar de constituir a memória, são assimilados como “fatos não digeridos”.

Elementos-beta não servem para uso em pensamentos oníricos, mas para uso em identificação projetiva. Eles exercem influência na produção de *acting out*. São objetos que podem ser evacuados ou usados para um tipo de pensamento que depende da manipulação daquilo que é sentido como coisas-em-si, como se tal manipulação pudesse substituir palavras ou ideias.

Bion, 2021

Elementos beta são de ordem sensorial, não psíquicos, assim como toda experiência é primariamente sensorial.

Talvez seja interessante fazer o uso de um *modelo*³, para exemplificar o que pretendo propor.

Uma mãe pode sonhar o estímulo produzido pela presença e manifestação do esforço do bebê em lidar com a sua própria percepção dos estímulos, beta (sensoriais).

3. Termo utilizado inicialmente por Kant, se refere a um instrumento que tem a função de auxiliar a abordar um tema desconhecido em sua constituição factual.

Ela recebe os elementos beta que já são dela e “alfabetiza” a si mesma. Transduz os estímulos em elementos alfa para ela, mas não devolve elementos alfa pra o bebê. Devolve o que chamo agora de “*Beta-suave*”. Porque o bebê não tem como receber alfa, nada é alfa a não ser dentro do psiquismo do sonhador (mãe).

O bebê recebe a “canção” entoada pela mãe, originada por nova transdução. Para o bebê, é um novo beta, sensorial, mas “suave”, já compreendido pela mãe. Mesmo assim, para o bebê são beta, pois sensoriais. Ele, inevitavelmente, tem que desenvolver o seu próprio aparelho, suas funções com seus elementos-alfa presentes ou proto-elementos.

Usei o termo “canção” me referindo às canções mais conhecidas no Brasil, vocalizadas pelas mães para “acalmar” os bebês, ou melhor, para auxiliá-los no desenvolvimento da função alfa, a função de sonhar. Chamamos espontaneamente esse instrumento de “cantiga de ninar”. Em uma conjectura etimológica, me surge a ideia de um “encantamento para crianças”.

As canções de ninar mais populares se tornam outro modelo para exemplificar o que estou denominando como “beta-suave”. Se um bebê está angustiado, assustado, em sofrimento, essas canções quase que interpretam algumas situações penosas. Ou seja, a compreensão da mãe pode suavizar a intensidade, juntamente com o tom, o ritmo, a “textura” da voz..., mas o conteúdo ainda é beta, o bebê recebe sensorialmente. A mãe compreende algo de suas fantasias e canta para o bebê:

Nana neném

Nana, neném / que a Cuca vem pegar/ papai foi pra roça / mamãe foi trabalhar.

Boi da cara preta

Boi, boi, boi / boi da cara preta / pega esse menino / que tem medo de careta.

Se essa rua fosse minha

Se essa rua / Se essa rua fosse minha / Eu mandava / Eu mandava

ladrilhar /

Com pedrinhas / Com pedrinhas de brilhante / Para o meu / Para o meu amor passar /

Nessa rua / Nessa rua tem um bosque / Que se chama / Que se chama solidão

/ Dentro dele / Dentro dele mora um anjo / Que roubou / Que roubou meu coração /

Se eu roubei / Se eu roubei teu coração / Tu roubaste / Tu roubaste o meu também /

Se eu roubei / Se eu roubei teu coração / É porque / É porque te quero bem.

4- Hipótese da função do retorno do reprimido

A falha do mecanismo chamado repressão, provoca o conhecido “retorno do reprimido”, podendo ocasionar o surgimento do “sintoma”. A partir da teoria das funções, compreendemos que a função-alfa parece não ter sido suficientemente eficaz para lidar com determinadas experiências sensório-emocionais, não “transluziu” em elementos alfa. São impressões armazenadas como os elementos-beta ou objetos bizarros, que não se prestam a pensamentos, e precisam “retornar” ou ocupar constantemente a consciência pelas mais diversas formas e expressões (sintomas, atos falhos).

O retorno do reprimido expressa uma característica de funcionalidade, estimulando a percepção do estímulo oriundo da experiência. A função de buscar e oferecer (demandar função alfa) ao sistema uma oportunidade de desenvolvimento, de re-apreender a experiência, que na realidade, não havia sido suficientemente apreendida, ou compreendida, e a experiência atual pode possuir uma intensa qualidade traumática, requisitando uma tentativa de evolução ou desenvolvimento possivelmente não suportável.

Poderíamos dizer, seguindo a ideia de existirem funções distintas

efetuadas pela função-alfa que: houve uma experiência que foi apreendida, mas não compreendida. Foi captada, mas as impressões não puderam se tornar elementos-alfa, provavelmente pela intensidade dos estímulos da experiência ultrapassarem as capacidades e o instrumental específico daquele momento. Um evento traumático, como Breuer e Freud descreveram, é um evento com características desconhecidas, que o sistema do indivíduo ainda não desenvolveu capacidades para lidar. Uma disfuncionalidade ou falha da função alfa em relação à experiência fenomenológica.

5- Considerações

Como a coisa-em-si é inacessível e psiquicamente só podemos acessar o fenômeno emanado pela experiência, a realidade é também uma representação fenomenológica, tanto quanto a coisa que somos, ou seja, acessamos pela necessidade funcional do fenômeno do existir a partir da construção de modelos os quais, por sua vez, são dependentes do exercer das funções que tentei compartilhar neste escrito.

A investigação acerca da funcionalidade se torna, continuamente, um instrumento de extrema importância, principalmente para o desenvolvimento da construção de modelos de pensar e intuir o desconhecido. É a maneira possível de representar o psíquico e conseqüentemente, o que chamamos de realidade.

CONSIDERATIONS ON FUNCTION THEORY

ABSTRACT: The author investigates the development of the functions that constitute the psyche. From a parallel between Freud and Bion's theories of functions, with the purpose to examine the alpha function, as a abstract model to comprehend the psychic apprehension of sensorial stimulus and emotional experiences, as also other ordinary functions.

KEY-WORDS: function; alpha-function; alpha-element; beta-element; thought.

CONSIDERACIONES SOBRE LA TEORÍA DE FUNCIONES

RESUMEN: En este trabajo, el autor busca investigar el desarrollo de las funciones que componen la psique. Basado en un paralelo entre las teorías de funciones de Freud y Bion, busca examinar la función alfa como un modelo abstracto para comprender la aprehensión psíquica de estímulos sensoriales y experiencias emocionales, así como otras funciones

originarias.

PALABRAS CLAVE: función; función alfa; elementos alfa; elementos beta; pensamiento.

REFERENCIAS:

Bion, W. (2021). *Aprender da experiência*. São Paulo: Blücher.

Bion, W. (1984). *Learning from experience*. Maresfield library. London: Karnac.

Freud, S. (1900). A Interpretação dos sonhos. In: *Obras completas*, vol. 4. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Obras completas*, Vol. 10. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Freud, S. (1885). Projeto para uma psicologia científica. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1896). Estudos sobre a histeria. In: *Obras completas*, Vol.01. São Paulo: Companhia das letras.

Kant I. (2001). *Crítica da razão pura*. 5ª edição. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

daniloggoulart@hotmail.com